

ATENDIMENTO PEDAGÓGICO FACE AO PROCESSO DE INCLUSÃO

Autora: Luciana Lima de Albuquerque; Coautora: Iris Rodrigues da Rocha

*Fundação Francisco Mascarenhas /Faculdades Integradas de Patos
lana-albuquerque@hotmail.com
irispb_@hotmail.com*

Resumo: Este trabalho teve como objetivo analisar as dificuldades de aprendizagem apresentada por um aluno com Síndrome de Down, estudante da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Campina Grande, Paraíba. Procuramos entender o processo histórico da pessoa com deficiência, desde a Antiguidade até os dias atuais como também refletir sobre as Legislações propostas pelos órgãos públicos nas escolas regulares de ensino. A participação da família no processo de inclusão é importante para que a pessoa com deficiência possa desenvolver sua aprendizagem. É também necessário que todos que compõem o âmbito educacional estejam preparados para incluir a pessoa com deficiência, mais especificamente o corpo docente, e para isso é necessário que eles obtenham formação continuada e condições físicas e pedagógicas favoráveis para realizar um bom trabalho. Através da pesquisa realizada com Guilherme, foi observado que com acompanhamento individualizado e com respeito as suas limitações diante da sua, deficiência intelectual, ele foi capaz de identificar as vogais e consoantes no alfabeto móvel.

Palavras chave: Inclusão, Aprendizagem, Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

Estudar um tema que aborda a inclusão das pessoas com deficiência na sociedade é de grande importância. A inclusão das pessoas com necessidades educacionais especiais está sendo um desafio, tanto para o aluno como para o corpo docente, familiares e sociedade. A falta de informação da comunidade diante do processo de inclusão nas escolas regulares de ensino, suas legislações e o papel do professor, ainda geram discriminações e preconceito.

As normatizações que tratam dos direitos das pessoas com deficiência garantem a inclusão de qualidade nas escolas regulares de ensino, mas, sabemos que a nossa realidade educacional contemporânea, no Brasil, ainda apresentam barreiras nesse sentido, que são desde a acessibilidade até a falta de preparação da comunidade escolar, para a efetivação real de uma educação de qualidade para as pessoas com deficiência.

A educação das pessoas com deficiência e o seu processo inclusivo nas escolas regulares de ensino é uma temática que desde a graduação despertou a atenção, pela necessidade de conhecer melhor sobre as dificuldades que essas pessoas enfrentam no âmbito educacional e social e de como ocorre o processo de aprendizagem diante das limitações e da

precária estrutura física e pedagógica em algumas realidades do sistema educacional e social.

Diante dessas reflexões o objetivo principal que motiva este trabalho é analisar as dificuldades de aprendizagem apresentadas por uma pessoa com deficiência intelectual em uma escola, na cidade de Campina Grande- PB. Tivemos três objetivos específicos. O primeiro é compreender a importância da família no processo de inclusão. O segundo é identificar a importância dos recursos pedagógicos como, por exemplo, o Alfabeto Móvel para o desenvolvimento da aprendizagem significativa da pessoa com deficiência. E o terceiro é analisar a importância da formação inicial e continuada no processo de inclusão.

Este estudo é de cunho qualitativo, sendo realizado a partir de um estudo de caso na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais- APAE, em Campina Grande- PB. O sujeito da pesquisa foi um jovem de 23 anos de idade, no qual, observamos seu desenvolvimento diante das atividades propostas, através dos 12 atendimentos pedagógicos na biblioteca.

A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESPECIAL

O processo de inclusão das pessoas com deficiência nas escolas regulares de ensino trás algumas reflexões de como essas pessoas eram vistas e tratadas na Antiguidade, Idade Média e nos dias Atuais.

Na antiguidade (1.500 a. C até 474 d.C), existia a valorização pela beleza física e mental, pois só as pessoas consideradas “normais” podiam exercer algum ofício na sociedade. As pessoas que possuíssem algum tipo de deficiência eram discriminadas e excluídas da comunidade. (LEITE, 2004). Diante de vários tipos de preconceitos que os deficientes sofreram e ainda sofrem, vimos que historicamente houve avanços significativos na inserção dessas pessoas no mercado de trabalho e no âmbito educacional.

Na idade Média as pessoas que tinham algum tipo de deficiência também eram rejeitadas e mortas, pois sua imagem estava associada a imagens demoníacas, e atos de bruxaria. (CARDOSO, 2006). Nesta época, não existia nenhuma forma de valorização das pessoas com deficiência, eram consideradas pessoas improdutivas. Com isso, que não se levava em conta os sentimentos dos familiares e nem o direito a própria vida.

Atualmente, as pessoas com deficiência ainda são vitimas de grandes preconceitos e rejeição, as pessoas ditas “normais” os enxergam como pessoas incapazes de exercerem algum tipo de atividade. A sociedade precisa ser conscientizada sobre o processo de inclusão em que as pessoas com deficiência apresentam diferenças, às vezes físicas ou intelectuais,

depende de suas limitações, mas isso não limita a sua cidadania, como ser dotado de direitos perante a sociedade.

. Diante do processo de inclusão, houve muitas reivindicações relevantes, pois na realidade educacional contemporânea a pessoa com deficiência tem direitos garantidos por lei, para ingresso na escola regular de ensino, mas muitas vezes as escolas não cumprem a lei.

INCLUSÃO

Para compreendermos o processo de inclusão, é preciso entender como se efetiva a inclusão da pessoa com deficiência na nossa sociedade, as dificuldades e os desafios que o professor enfrenta para que aconteça a inclusão.

Segundo Mittler (2003) a inclusão no campo da Educação é vista como um processo em que ocorrerão mudanças na estrutura física da escola, dessa maneira acontecerá reformas para que a inclusão seja efetivada. Percebe-se que essa nova construção tem como meta garantir a plena participação do educando, família e sociedade na escola, sem que ele se sinta separado das demais crianças.

O processo de inclusão deve começar com o apoio da família, onde o indivíduo possa se sentir aceito e incluso. A inclusão na escola regular de ensino da pessoa com deficiência precisa ser acompanhada de uma boa estrutura física, os professores, gestores e funcionários precisam ser conscientes do papel que vão desenvolver frente ao processo inclusivo. Nesse processo é importante que a escola e a família possam interagir para que seja proporcionado ao aluno uma inclusão de qualidade, de maneira que possa haver desenvolvimento e aprendizagem.

Mesmo diante de algumas legislações que favorecem a plena participação da pessoa com deficiência nas escolas regulares de ensino, vimos que, ainda falta conhecimento da população sobre os direitos garantidos para a participação dessas pessoas nas escolas.

Dessa forma, em relação à Educação Especial para as pessoas com deficiência a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996, no seu artigo 58, do capítulo V, ressalva que:

Entende-se por Educação Especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais. Haverá, quando necessário, serviços de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de educação especial. O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular.

A oferta de educação especial, dever constitucional do Estado, tem início na faixa etária de zero a seis anos, durante a educação infantil. (BRASIL, 1996, p.19).

A educação especial é de suma importância para as pessoas com deficiência, pois através dela o indivíduo poderá evoluir no seu processo de aprendizagem, vale salientar que o profissional que fizer esse atendimento deverá ser capacitado de maneira que proporcione desenvolvimento global para o aluno.

Sobre a escola inclusiva a Declaração de Salamanca Orienta que:

[...] Todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. Escolas inclusivas devem reconhecer e responder às necessidades diversas de seus alunos, acomodando ambos os estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos através de um currículo apropriado, arranjos organizacionais, estratégias de ensino, uso de recurso e parceria com as comunidades [...] (UNESCO, 1994, p. 3).

Ao refletirmos sobre a escola inclusiva, vimos que a Declaração de Salamanca idealiza uma escola inclusiva de qualidade, mas na nossa realidade educacional ainda não vivenciamos o que está preconizado. As maiorias das escolas regulares de ensino ainda não estão preparadas para receber as pessoas com deficiência, de forma que ainda não temos estrutura física adequada que promova a participação plena e o desenvolvimento da aprendizagem dessas pessoas. Ao mesmo tempo em que existe o processo de inclusão nas escolas através de leis, observamos que as pessoas com deficiência são excluídas de forma que ainda não são contempladas por professor qualificado, estrutura física adequada e novas práticas pedagógicas que favoreçam sua aprendizagem.

Ainda se tratando da educação inclusiva, entende-se que independente da condição social, intelectual, racial e cultural em que o indivíduo se encontra devem ser uma prática onde todos possam ser contemplados e seu desenvolvimento garantido. (STAINBACK *apud* MARTINS, 2006).

Atualmente estamos vivenciando o processo de inclusão, e mesmo diante de grandes desafios, devemos pensar em uma inclusão de qualidade social, onde o sujeito se sinta parte integrante desse processo. Sabemos que o processo inclusivo gera discriminações diante do “diferente”, no entanto, é preciso que as diferenças culturais, raciais e valores morais sejam trabalhados por todos que fazem parte do âmbito escolar. O sistema educacional precisa oferecer cursos de capacitação que traga reflexões sobre a diversidade e que envolva não só os profissionais da educação, como também a família e a comunidade.

Um ponto importante no processo educativo de inclusão que precisa ser refletido é sobre a importância da formação do professor e a formação continuada para trabalhar com

pessoas deficientes, dessa maneira entendemos que:

Na formação inicial, na graduação, todos os futuros professores da educação básica devem desenvolver competências para atuar também com alunos que apresentam necessidades educacionais especiais em qualquer etapa ou modalidade de ensino, na perspectiva de se efetivar a educação inclusiva. (MARTINS, 2006, p. 110).

Vimos anteriormente à importância do conhecimento acerca da inclusão ainda na universidade. Os futuros professores precisam refletir sobre as nuances que envolve este processo já na formação, de maneira que haja esclarecimento mais preciso sobre esse assunto, suas legislações, sua aplicabilidade e de como desenvolver metodologias em sala de aula para que o aluno possa aprender os conteúdos necessários para seu desenvolvimento e aprendizagem no meio social.

Outro ponto relevante que devemos compreender é em relação à importância da formação continuada dos profissionais da educação no âmbito escolar. Ao refletirmos sobre a formação continuada dos professores entendemos com Martins (2009) que essa formação precisa trazer benefícios tanto para o professor quanto para o aluno. No entanto, a formação continuada não deve ser proporcionada apenas para a obtenção do conhecimento e novas práticas pedagógicas, mas para que através dos conhecimentos obtidos na capacitação teórica haja mudanças relevantes, nas práticas pedagógicas, na escola e nos sujeitos envolvidos. Vale salientar que as teorias e as práticas pedagógicas que serão adquiridas na formação continuada sejam adaptadas para a realidade educacional e do educando. O processo de inclusão é um desafio para o corpo docente, pois eles ainda enfrentam dificuldades para trabalhar com pessoas com necessidades educacionais especiais e, isso vem gerando estresse e insegurança. De acordo com Gasparini, (2005) o nosso sistema educacional ainda não proporciona uma estrutura física adequada. As salas de aula super lotadas e a falta de apoio para ministrar as aulas com qualidade dificultam a aprendizagem e desenvolvimento do aluno. A falta de planejamento das atividades em equipe, a sobre carga do trabalho e a ausência da família no acompanhamento das atividades de seu filho no processo de aprendizagem como também a desvalorização da profissão devido à má remuneração salarial contribuem para que os professores não consigam desenvolver um trabalho de qualidade.

Diante dessa reflexão é preciso que o sistema educacional proporcione condições físicas, pedagógicas e psicológicas para os professores desenvolverem um trabalho de qualidade, onde os sujeitos envolvidos possam ser beneficiados.

Ressalvamos que a participação da família no processo de inclusão é de suma

importância para isso, a escola, que também deve estar sendo preparada, pode oferecer cursos, palestras que envolvam a família para que a partir daí eles também possam colaborar para o processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

Diante do processo de inclusão por qual passa nossa sociedade sabemos que existem atendimentos que são importantes para o processo de desenvolvimento e aprendizagem das pessoas com deficiência. O atendimento educacional especializado nas escolas regulares de ensino é importante, pois é um atendimento que “[...] identifica, elabora e organiza recursos pedagógicos e de acessibilidade, que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas” (RAPOLI; 2010, p. 17).

Vale salientar que esse atendimento deve ser realizado por profissionais capacitados para atender pessoas com deficiência, por isso a importância do professor conhecer sobre as deficiências e as práticas pedagógicas que possam contribuir para o desenvolvimento cognitivo do aluno. O professor ao realizar esse atendimento precisa focalizar nas potencialidades que o aluno apresenta para então desenvolver atividades que possam contribuir para seu aprendizado, lembrando que seus limites precisam ser respeitados. O apoio da família nesse processo e a interação do professor que faz esse atendimento junto ao professor da sala de aula são necessários para o desenvolvimento global do aluno.

Ainda de acordo com Rapoli (2010) o atendimento educacional especializado faz parte do projeto político pedagógico e é obrigatório nas escolas regulares de ensino e seu recinto é denominado de sala de recursos multifuncionais. Esse atendimento é de grande importância para pessoas com deficiência, pois tem por finalidade proporcionar seu desenvolvimento e autonomia no âmbito escolar.

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para a realização desse presente trabalho foi realizado procedimentos metodológicos de natureza qualitativa. Foi necessário realizarmos um levantamento bibliográfico para compreendermos o processo de inclusão como também um estudo de caso com uma pessoa com Síndrome de Down na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais na cidade de Campina Grande- PB.

Como instrumento da pesquisa foi realizado uma observação participante, na qual entendemos que é na observação participante que tem uma interação entre o pesquisador e os participantes das situações das quais são pesquisadas. (GIL, 2002).

No estudo de caso compreendemos que é uma pesquisa específica, pois consiste no estudo intenso, de um ou poucos objetos, isso permitirá seu amplo e detalhado conhecimento do objeto em estudo.

A presente pesquisa foi realizada na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais-APAE, na cidade de Campina Grande- PB. Essa associação lida com pessoas com necessidades educacionais especiais e tem por objetivo promover o desenvolvimento global do indivíduo, dessa maneira, a associação de pais e amigos dos excepcionais desenvolve atendimento tanto de natureza clínica quanto educacional. No aspecto educacional os educadores buscam desenvolver atividades que desperte o interesse dos alunos na aprendizagem como também estimulam sua independência no meio social, na parte clínica eles procuram revitalizar o quadro clínico dos usuários.

Durante a realização da pesquisa a APAE tinha 405 usuários de diversas síndromes. Na parte da escolarização a APAE contava com quatorze (14) professores com formação em Pedagogia, além de proporciona palestras para todos os funcionários, com o objetivo de aperfeiçoar os conhecimentos em Educação Especial.

Para a realização da pesquisa foi escolhido um jovem J. P. B. F, cujo nome fictício é Guilherme, e nasceu no dia 31-12-1991. Segundo informações coletadas no seu prontuário, Guilherme ingressou na APAE em 1999. Na sala de aula que Guilherme estuda, estudam também 12 usuários com idade entre 16-30 anos, dentre os 12 usuários com diversas Síndromes. A pesquisa foi realizada com Guilherme pelo fato de o mesmo ser acometido com Síndrome de Down (CID- Q 90) e conseqüentemente apresentar deficiência intelectual.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para realizarmos a apresentação e discussão da presente pesquisa foi preciso planejar e realizar algumas atividades com Guilherme para analisar as possíveis dificuldades apresentadas por ele. Foram realizados 12 atendimentos individualizados na biblioteca da APAE durante três meses Março a Junho de 2015. Trabalhamos uma música intitulada, Peixe Vivo, cujo autor é Milton Nascimento, e através dessa música realizamos algumas atividades para saber se Guilherme conseguia identificar as vogais e consoantes no trecho da música referida ao mesmo tempo, tivemos por objetivo observar seu desenvolvimento e incentivar sua autonomia diante das atividades propostas.

Diante da dificuldade intelectual que Guilherme apresenta decorrente da Síndrome de

Down, resolvemos trabalhar com o material concreto (Alfabeto Móvel), para que ele pudesse compreender melhor as atividades propostas. Durante a pesquisa foi realizada algumas observações do seu comportamento e desenvolvimento na sala de aula como também a rotina da professora.

Durante as observações em sala de aula, Guilherme mostrou-se ser um aluno prestativo, interativo, afetivo, mas devido sua deficiência intelectual ainda apresenta dificuldade na fala o que dificulta a comunicação entre os amigos e a professora. É um menino que gosta de futebol, acessar a internet, passear com os amigos e apesar da sua dificuldade intelectual ele gosta de realizar leituras. Na sala de aula, Guilherme sente dificuldade na assimilação e interpretação das atividades propostas, necessitando da ajuda da professora para realizar as atividades.

Apresenta memória curta e dificuldade de concentração e atenção como também apresenta déficit na coordenação motora fina. Nas atividades extra-sala de aula, Guilherme tem aula de Informática, atendimento psicológico e participa de oficinas de leituras na biblioteca, durante uma vez por semana com duração de uma hora.

Segundo a professora de informática, a aula no laboratório é por turma, e quando necessário, o atendimento é individual. Ainda de acordo com a professora sobre as atividades desenvolvidas no laboratório as mais utilizadas são os Jogos softwares e vídeos.

Em relação às aulas ministradas pela professora em sala de aula, foi observado que ela possui domínio de conteúdo e tem conhecimento na área de Educação Especial. Ela Trabalha com recursos pedagógicos como, por exemplo: material concreto, jogos, dinâmicas, realiza passeios, etc. Na sala de aula estudam alunos com diversas Síndromes, dessa maneira, as atividades são adaptadas de acordo com a necessidade educacional do aluno para que seja garantido seu desenvolvimento e aprendizagem.

COMPREENDENDO AS VOGAIS E AS CONSOANTES

Através da música Peixe Vivo trabalhamos as vogais, pedimos para Guilherme identificar as vogais no texto. O aluno não soube responder. Sentimos a necessidade de intervir. Falamos que as vogais eram A, E, I, O, U. Foi apresentado o alfabeto móvel e pedimos para o aluno selecionar as vogais. O aluno selecionou dessa forma; A, B, E, I, O, U. Ao ver que o aluno não conseguiu selecionar corretamente as vogais, houve intervenção apresentando verbalmente e através do alfabeto móvel as vogais corretas. Após a apresentação

e minha mediação o aluno conseguiu selecionar corretamente as vogais. Partindo para a atividade proposta, trecho da música (Peixe Vivo), foi pedido para circular as vogais contidas nesse trecho. O aluno mostrou-se confuso no que era para fazer. Mais uma vez intervimos e falamos que as vogais eram A, E, I, O, U e logo depois pedimos para que selecionasse no alfabeto móvel, o aluno conseguiu. Quando pedíamos para ele fazer a leitura da palavra e identificar as vogais, não conseguia. Pedíamos para ele olhar no que tinha separado e observar se na palavra que leu tinha alguma letra que tinha selecionado, desta forma ele conseguiu identificar a vogal e realizar a atividade. (ALBUQUERQUE, 2015).

Na compreensão das Consoantes também foi utilizado o alfabeto móvel. Perguntamos para Guilherme se ele conhecia as consoantes, ele disse que sim, mas na hora de falar e identificar mostrou-se confuso e não sabia responder, intervimos falando verbalmente quais eram as consoantes. Logo depois pedimos para ele selecionar no alfabeto móvel, ele selecionou: A, U, O. Ao perceber que ele não conseguia selecionar corretamente as consoantes, sentimos a necessidade de intervir falando mais uma vez quais eram as consoantes. Logo após pedimos para Guilherme selecionar no alfabeto móvel e fazer a leitura e ele conseguiu.

Durante a realização dessas atividades pudemos refletir sobre a importância do atendimento pedagógico individualizado. Ao propormos essa atividade para Guilherme, observamos que mesmo diante das suas limitações intelectual decorrente da Síndrome de Down, ele foi capaz de aprender as vogais e as consoantes, mas para isso é necessário um acompanhamento individualizado. O professor precisa ser capacitado e o sistema educacional precisa proporcionar condições físicas e recursos didáticos que contribua para o processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno. O apoio da família também é de grande importância nesse processo de inclusão de forma que ela possa acompanhar seu filho na realização das atividades.

Segundo Koll (2010 *apud* ALBUQUERQUE, 2015) para entendermos como acontece o processo de desenvolvimento da aprendizagem nas crianças, é preciso levar em conta seu nível de desenvolvimento Real (capacidade da criança desempenhar tarefas sozinhas) e seu nível de desenvolvimento Potencial (capacidades de realizar tarefas com ajuda de um professor ou adulto experiente), é a partir desses dois níveis que definimos a Zona de Desenvolvimento Proximal como a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. O autor ainda ressalva que na zona de desenvolvimento proximal ocorrerá no indivíduo mudanças significativas, pois o que ele consegue realizar com

a ajuda de alguém hoje, futuramente ele conseguirá realizar atividades sozinho, no entanto, esse desenvolvimento ocorre da interação social entre os sujeitos envolvidos e da realidade social em que está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final do presente trabalho consideramos que, historicamente as pessoas com deficiência sofreram discriminações, rejeições e exclusão na sociedade em que viviam. Com o decorrer dos anos, vimos que houve avanços significativos no que diz respeito à inserção da pessoa com deficiência no âmbito escolar e social.

O processo de inclusão deve começar no seio familiar, onde o sujeito se sinta aceito e incluso. A sociedade precisa respeitar a pessoa com deficiência e entender que apesar de suas limitações e dependendo da deficiência que o sujeito apresentar ele pode contribuir de forma positiva para o desenvolvimento social.

Diante do processo inclusivo, observamos que existem várias legislações que garantem uma educação de qualidade para pessoas com deficiência, no entanto, ainda presenciamos precariedade nas escolas regulares de ensino. A falta de uma estrutura de qualidade física e pedagógica no âmbito educacional e a pouca preparação do corpo docente ainda é um desafio para que essas pessoas tenham uma aprendizagem significativa, dessa maneira é fundamental que a preparação do professor comece na graduação e seja aprimorada na formação continuada e que o sistema educacional proporcione boas condições para que o professor possa desenvolver um trabalho de qualidade.

Na realização da pesquisa, vimos que o atendimento individualizado com Guilherme foi de grande relevância, pois através das atividades desenvolvidas, pudemos perceber que, apesar das barreiras que as pessoas com deficiência enfrentam na sociedade elas são capazes de aprender. Mesmo diante da limitação que Guilherme apresenta decorrente da Síndrome de Down, observamos que os procedimentos realizados foram importantes, pois através das atividades desenvolvidas e da intervenção realizada ele foi capaz de aprender as vogais e as consoantes, para isso foi preciso trabalhar com recursos pedagógicos como, por exemplo, o alfabeto móvel, a intervenção nas atividades com Guilherme e o respeito a suas limitações foram importantes para ele pudesse identificar o alfabeto.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Luciana Lima de. **Atendimento Pedagógico a aluno com síndrome de down**: estudo de caso na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais- APAE- em Campina Grande- PB- 2015.

BRASIL. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 de dez. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 01 dez. 2015.

CARDOSO, M. S. Aspectos históricos da educação especial: da exclusão à inclusão: uma longa caminhada. In: STOBAUS, C. D.; MOSQUERA, J. J. M. **Educação especial**: em direção à educação inclusiva. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

GASPARINI, Sandra Maria.[et.al.]. **O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre saúde**. Educação e pesquisa: Universidade Federal de Minas Gerais.v.31, n 2, maio/ago. 2005.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KOLL, M. O. **VYGOTSKY**: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2010.

LEITE, M. S. C. Atendimento educacional especializado para um aluno com Síndrome de Down: uma proposta educacional na rede estadual de ensino da Paraíba. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE EDUCAÇÃO E INCLUSÃO SOCIAL DE PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS, 1., **Resumo...** [S.l.: s.n.], 2004.

MARTINS, L. A R. Um olhar para a formação docente na perspectiva da educação inclusiva. In: MARQUEZINE, M. C. (Org.) **Políticas públicas e formação de recursos humanos em educação especial**. Londrina: ABPEE, 2009.

_____.[et.al.]. **Inclusão**: compartilhando saberes.Petropolis, RJ: Vozes, 2006.

MITTLER, P. **Educação inclusiva**: contextos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2003.

RAPOLI, E. A. et al. **A educação especial na perspectiva da inclusão escolar**: a escola comum inclusiva. Brasília: MEC, 2010.

RODRIGUES, R. M. **Pesquisa acadêmica:** como facilitar o processo de preparação de suas etapas. São Paulo: Atlas, 2007.

UNESCO. **Declaração de Salamanca:** sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. 1994. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 11 nov. 2014.

VOIVODIC, M. A. M. A. **Inclusão escolar de crianças com síndrome de Down.** Petrópolis: Vozes, 2004.